

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3



Atena
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-2654
DOI 10.22533/at.ed.654191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRESERVAÇÃO E RUÍNA UMA BREVE LEITURA DOS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO URBANA A PARTIR DO SKYLINE DA CIDADE DE SALVADOR	
Ana Licks Almeida Ariadne Moraes Silva Márcia Maria Couto Mello	
DOI 10.22533/at.ed.6541917041	
CAPÍTULO 2	18
ESTUDO METODOLÓGICO DE REABILITAÇÃO URBANA: A DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS PARA CIDADE DE JOINVILLE-SC	
Maria Luiza Daniel Bonett Raquel Weiss	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042	
CAPÍTULO 3	39
QUARTA NATUREZA : UMA NOVA PAUTA NO PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
Simone Back Prochnow Silvio Belmonte de Abreu Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6541917043	
CAPÍTULO 4	54
ANÁLISE COMPARATIVA SEGUNDO AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE ENTRE A OCUPAÇÃO DAS CHÁCARAS SANTA LUZIA E A PROPOSTA PARA HABITAÇÃO SOCIAL DO GOVERNO DE BRASÍLIA	
Julia Cristina Bueno Miranda Liza Maria Souza de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6541917044	
CAPÍTULO 5	73
CONFORTO TÉRMICO EM ESPAÇOS ABERTOS: O ESTADO DA ARTE DO <i>UNIVERSAL THERMAL CLIMATE INDEX - UTCI</i> NO BRASIL	
Thiago José Vieira Silva Simone Queiroz da Silveira Hirashima	
DOI 10.22533/at.ed.6541917045	
CAPÍTULO 6	83
PERCEPÇÃO DA ARBORIZAÇÃO URBANA DA CIDADE DE CALÇADO- PE, ATRAVÉS DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE 1988 AOS DIAS ATUAIS	
Raí Vinícius Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917046	
CAPÍTULO 7	95
PARQUE MACAMBIRA-ANICUNS: A CIDADE NO URBANO?	
Wilton de Araujo Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.6541917047	

CAPÍTULO 8	101
VAZIOS URBANOS NA CIDADE: A PRAÇA LEVI COELHO DA ROCHA	
Renata Bacelar Teixeira Sidney Diniz Silva Renata Silva Cirino	
DOI 10.22533/at.ed.6541917048	
CAPÍTULO 9	117
ESPAÇOS LIVRES NO TÉRREO DE UM CORREDOR URBANO	
Adilson Costa Macedo Jessica Lorellay Cuscan Guidoti	
DOI 10.22533/at.ed.6541917049	
CAPÍTULO 10	137
OCUPANDO O CAMPUS: INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESPAÇO DA CIDADE	
Renata Bacelar Teixeira Ednei Soares Talita Queiroga	
DOI 10.22533/at.ed.65419170410	
CAPÍTULO 11	153
INSURGÊNCIAS URBANAS E FEMININAS COMO PRÁTICAS CORRELATAS PARA RESISTÊNCIA TERRITORIAL	
Carolina Guida Cardoso do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.65419170411	
CAPÍTULO 12	168
PARTICIPAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO: O PROCESSO DE DIÁLOGO SOBRE O “BERLINER MITTE” EM BERLIM	
César Henriques Matos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.65419170412	
CAPÍTULO 13	184
REGULAMENTAÇÃO DAS ZEIS EM FORTALEZA: ASSESSORIA TÉCNICA E MOBILIZAÇÃO POPULAR	
Gabriela de Azevedo Marques Marcela Monteiro dos Santos Thais Oliveira Ponte	
DOI 10.22533/at.ed.65419170413	
CAPÍTULO 14	200
ANÁLISE DAS HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ/SP APÓS A EXTINÇÃO DO BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO (BNH)	
Janayna Priscilla Vieira Guimarães Pedro Renan Debiazi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170414	

CAPÍTULO 15	208
ACESSIBILIDADE PARA IDOSOS EM ÁREA LIVRE PÚBLICA DE LAZER	
Herena Marina Schüler	
Jessie Tuani Caetano Cardoso	
Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.65419170415	
CAPÍTULO 16	221
A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA ACESSIBILIDADE NOS PLANOS URBANOS E DE MOBILIDADE	
Juan Pedro Moreno Delgado	
Jamile de Brito Lima	
Liniker de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.65419170416	
CAPÍTULO 17	234
INFRAESTRUTURA E MOBILIDADE: ANÁLISE DE TRÊS ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO EM SANTA MARIA – RS	
Zamara Ritter Balestrin,	
Alice Rodrigues Lautert	
Luis Guilherme Aita Pippi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170417	
CAPÍTULO 18	252
GERENCIAMENTO DE PROJETOS COMO INSTRUMENTO NA CONSTRUÇÃO DA INFRAESTRUTURA URBANA	
Samira Alves dos Santos	
Emmanuel Paiva de Andrade	
Carina Zamberlan Flores	
DOI 10.22533/at.ed.65419170418	
CAPÍTULO 19	268
A “CIDADE GLOBAL” E A PRODUÇÃO IMOBILIÁRIA: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO RESIDENCIAL NO QUADRANTE SUDOESTE DE SÃO PAULO DE 2008 A 2017	
Isabela Baracat de Almeida	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.65419170419	
CAPÍTULO 20	281
A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE CITY MARKETING	
Tarciso Binoti Simas	
Sônia Le Cocq d’Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65419170420	
CAPÍTULO 21	297
A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES: O POTENCIAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO GERENCIAMENTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
Maria Victoria Marchelli	
DOI 10.22533/at.ed.65419170421	

CAPÍTULO 22	312
NOVOS CONCEITOS X ANTIGOS PROBLEMAS: AS CIDADES INTELIGENTES E A INFORMALIDADE URBANA	
Giselle Carvalho Leal Rafael Soares Simão Adriana Marques Rossetto	
DOI 10.22533/at.ed.65419170422	
CAPÍTULO 23	327
PODERES PÚBLICOS MUNICIPAIS E AEROPORTOS NO ÂMBITO DO PLANEJAMENTO URBANO BRASILEIRO: UM PANORAMA PARCIAL, DE 2006 A 2017	
Paulo Sergio Ramos Pinto Marcos Thadeu Queiroz Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.65419170423	
CAPÍTULO 24	350
URBANISMO RURAL, UMA UTOPIA NÃO REALIZADA	
Giselle Fernandes de Pinho Evandro Ziggiatti Monteiro Silvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina	
DOI 10.22533/at.ed.65419170424	
CAPÍTULO 25	366
COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETOS COM METODOLOGIA BIM EM PERSPECTIVA: ESTUDO DE CASO DA APLICAÇÃO EM UM EDIFÍCIO REAL	
Eveline Nunes Possignolo Costa Geraldo Donizetti de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.65419170425	
CAPÍTULO 26	374
COMPATIBILIZAÇÃO DE PROJETO DE INSTALAÇÕES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MÉTODO TRADICIONAL (2D) E A FERRAMENTA BIM	
Figueiredo, L. L. H., Mariano, L. N. Neto, L. S. C. Resende, L. G. S.	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042126	
CAPÍTULO 27	382
ANÁLISE DAS EQUAÇÕES UTILIZADAS PARA O DIMENSIONAMENTO DO SISTEMA DE TRATAMENTO DE ESGOTO CONFORME NBR 7229 E NBR 13969	
Mario Tachini Abrahão Bernardo Rohden Renan Guimarães Pires Spernau	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042127	

CAPÍTULO 28	391
DESENVOLVIMENTO DE PLANILHA ELETRÔNICA PARA CÁLCULO DE ISOLAMENTO ACÚSTICO POR VIA AÉREA CONSIDERANDO A ENERGIA LATERAL	
Rafaela Benan Zara Paulo Fernando Soares	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042128	
CAPÍTULO 29	405
VALORES DE REFERÊNCIA PARA AS CLASSES DE RUÍDO PREVISTAS NA NORMA NBR 15575	
Brito, A. C. Sales, E. M. Aquilino, M. M. Akutsu, M.	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042129	
CAPÍTULO 30	411
OCORRÊNCIA DE BOLORES EM EDIFICAÇÕES: ESTUDO DE CASO EM HABITAÇÕES CONSTRUÍDAS COM PAREDES DE CONCRETO	
Thiago Martin Afonso Adriana Camargo de Brito Maria Akutsu	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042130	
CAPÍTULO 31	426
DESEMPENHO HIGROTÉRMICO DE PAREDES DE FACHADA POR MEIO DE SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL – ESTUDOS DE CASO	
Alexandre Cordeiro dos Santos Luciana Alves de Oliveira Osmar Hamilton Becere Júlio Cesar Sabatini de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042131	
CAPÍTULO 32	437
ADIÇÃO DE EVA E VERMICULITA EM ARGAMASSAS DE REVESTIMENTO: ANÁLISE DO DESEMPENHO TÉRMICO	
Francisco Ygor Moreira Menezes Sara Jamille Marques de Souza Felipe Fernandes Gonçalves Dielho Mariano Dantas de Moura Cicero Joelson Vieira Silva Robson Arruda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042132	
CAPÍTULO 33	448
ANÁLISE DOS REQUISITOS PARA A IMPLANTAÇÃO DA FILOSOFIA LEAN GREEN CONSTRUCTION EM EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS UNIFAMILIARES DE PEQUENO PORTE	
Dayana Silva Moreira Gontijo Jhonvaldo de Carvalho Santana Andreia Alves do Prado	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042133	

CAPÍTULO 34	462
ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO MODELO LEAN CONSTRUCTION EM CANTEIROS DE OBRAS RODOVIÁRIAS: ESTUDO DE CAMPO EM TRECHO DA BR 158	
Taíme da Cruz Oroski José Ilo Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042134	
CAPÍTULO 35	469
APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE PERDAS E DANOS (D _A LA) NO BAIRRO VILA AMÉRICA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ	
Tazio Guilherme Leme Cavalheiro Viadana Fernando Rocha Nogueira Alex Kenya Abiko	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042135	
CAPÍTULO 36	479
APLICAÇÃO DE CONCRETO PERMEÁVEL PARA A MITIGAÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES	
Loyane Luma Sousa Xavier Rafaela Cristina Amaral Abrahão Bernardo Rohden Esequiel Fernandes Teixeira Mesquita	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042136	
CAPÍTULO 37	494
ANÁLISE DA VIABILIDADE NA UTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS ORIUNDOS DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA/SP NA CONFECÇÃO DE BLOCOS DE VEDAÇÃO	
Fabiana Andresa da Silva Victor José dos Santos Baldan Javier Mazariegos Pablos	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042137	
CAPÍTULO 38	508
ANÁLISE DOS ÍNDICES FÍSICOS DA CINZA DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E DA AREIA NATURAL	
Luana Cechin Marcio Leandro Consul de Oliveira Mariane Arruda Martins Olaf Graupmann	
DOI 10.22533/at.ed.6541917042138	
SOBRE A ORGANIZADORA	516

OCUPANDO O CAMPUS: INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESPAÇO DA CIDADE

Renata Bacelar Teixeira

Centro Universitário UNA, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo
Belo Horizonte - MG

Ednei Soares

Centro Universitário UNA, Faculdade de Psicologia
Belo Horizonte - MG

Talita Queiroga

Centro Universitário UNA, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo
Belo Horizonte - MG

RESUMO: O presente trabalho investiga a ociosidade de um espaço público próximo a um centro universitário na cidade de Belo Horizonte: a Praça Levi Coelho da Rocha. Essa investigação será apresentada a partir dos resultados de um projeto de extensão universitária interdisciplinar, correlacionando as análises realizadas pelas disciplinas de psicologia e arquitetura e urbanismo. Demonstra-se que esta interface interdisciplinar pode beneficiar os processos de análise do indivíduo, do espaço urbano e sua ocupação. Dessa forma, a partir desse entendimento, pretende-se desenvolver ações práticas para que este espaço ocioso seja realmente apropriado pelas pessoas, transformando o mesmo em um espaço urbano vivo.

PALAVRAS-CHAVE: interdisciplinaridade;

espaços públicos; práticas educativas; espaços ociosos

OCCUPYING THE CAMPUS: INTERDISCIPLINARITY AND EDUCATIONAL PRACTICES IN CITY SPACE

ABSTRACT: This paper investigates the idleness of a public space near a university campus in Belo Horizonte central area: Levi Coelho da Rocha Square. This investigation will be presented based on the results of an interdisciplinary university extension project, correlating the analysis carried out by the disciplines of psychology and architecture and urbanism. It is demonstrated that this interdisciplinary interface can benefit the processes of analysis of the individual, of the urban space and its occupation. Thus, from this understanding, it is intended to develop practical actions in order to have this idle space properly appropriated by the people, transforming it into a living urban space.

KEYWORDS: interdisciplinarity; public spaces; educational practices; idle spaces

1 | INTRODUÇÃO

É surpreendente como nenhum objeto científico parece solicitar a colaboração entre tantas disciplinas quanto a cidade. As relações entre conhecimentos arquitetônicos e psicológicos têm potencial de mútuo enriquecimento articulados a conceitos, experiências e métodos de trabalho. O surgimento gradual de trabalhos interdisciplinares tem induzido modificações paradigmáticas no enfrentamento desta temática, com a qual nos propomos trabalhar através desse projeto de extensão. A interação entre alunos e professores da arquitetura e da psicologia pode contribuir efetivamente para a evolução do conhecimento relativo às relações pessoa-ambiente, sobretudo em se tratando de abordar os problemas a partir do confronto entre os pontos de vista dos diferentes agentes envolvidos na produção e apreensão do espaço.

O trabalho a seguir visa discutir formas interdisciplinares de ensino, pesquisa e ocupação do espaço urbano através de práticas no contexto universitário. Objetiva-se demonstrar que a interface entre as disciplinas arquitetura e psicologia beneficia os processos de análise espacial urbana e sua ocupação. A discussão será feita a partir da experiência do projeto de extensão universitária, de um centro universitário em Belo Horizonte iniciado em 2016 e vigente até o presente momento. No decorrer do projeto, inicialmente a equipe foi composta por três alunos de psicologia e dois alunos de arquitetura e urbanismo que, por sua vez, foram coordenados por um professor da psicologia e dois professores de arquitetura e urbanismo. Atualmente conta com 18 alunos extensionistas e uma professora de arquitetura e urbanismo. As interlocuções interdisciplinares entre arquitetura e psicologia começaram devido ao início da utilização de vários imóveis no centro da cidade de Belo Horizonte pelo centro universitário. Esta ocupação colocou em evidência alguns entraves profundos na apropriação do espaço urbano das grandes metrópoles. Essas questões foram consideradas simultaneamente no curso de arquitetura e de psicologia deste centro universitário reverberando em demandas não somente teóricas, mas também no tangente à prática dos professores. A essa circunstância seguiu-se a divulgação institucional da ideia de estimular práticas pedagógicas, produção de conhecimento e transformação no entorno dos campi localizados na região central de Belo Horizonte.

O projeto de extensão mencionado foi idealizado visando motivar atividades acadêmicas no entorno dos campi como forma de ocupação que permita aos alunos se apropriarem da cidade. Em vista de sua execução o próprio entorno dos campi foi proposto como objeto de estudo e intervenção. A Praça Levi Coelho da Rocha, localizada em frente a um dos campi, foi eleita como espaço/objeto de investigação de metodologias que pudessem discutir aspectos comuns às duas disciplinas, arquitetura e psicologia. O espaço da praça foi considerado adequado em seu potencial investigativo sobre questões relacionadas à convivência dos alunos na interação direta entre espaço urbano e comunidade acadêmica, uma vez que a mesma não parece ser ocupada como praça, simplesmente se configurando como um local apenas de passagem e

não de permanência pelo público local. Além disto, pouco se nota uma relação entre os alunos que ocupam o campus logo a sua frente com esta praça, o que acabou gerando questionamentos sobre o porquê desta não interação entre alunos e praça. Conseqüentemente foram definidos os objetivos do projeto. Seu objetivo geral foi investigar metodologias decorrentes da arquitetura e da psicologia que possibilitassem aos alunos compreender parâmetros na ocupação de espaços públicos ampliando a compreensão sobre a produção de subjetividade do homem urbano contemporâneo. Seus objetivos específicos foram: a) aplicar metodologias para análise da comunidade que frequenta a Praça Levi Coelho da Rocha e o campus e b) realizar um diagnóstico visando favorecer a ocupação desse entorno.

2 | METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES

A equipe do projeto, constituída por alunos e professores dos cursos em questão, procurou estudar trabalhos interdisciplinares que abordassem metodologicamente a intercessão entre arquitetura, urbanismo e psicologia. No decorrer de sua história, a psicologia ampliou gradualmente sua área de atuação redefinindo e complementando seu objeto de estudo. Tal redefinição implica em modos de abarcar as interações ambiente/subjetividade contribuindo para um conhecimento mais amplo da realidade através de um enfoque ecológico e humanamente consistente. Daí a pertinência interdisciplinar entre arquitetura, urbanismo e psicologia. Quanto à arquitetura e urbanismo essa interdisciplinaridade aponta para a necessidade de agregar novas epistemologias e saberes à produção do espaço urbano, de modo geral. Observa-se o deslocamento da ênfase na análise de aspectos estéticos, construtivos e funcionais do espaço para a preocupação com a percepção e satisfação dos usuários e com as implicações das intervenções em termos de paisagem. Esse deslocamento propicia a elaboração de propostas mais centradas no indivíduo e/ou no social e nas implicações ecológicas das interferências realizadas.

Considerando o campo da psicologia, a revisão bibliográfica revelou uma considerável literatura apontando para o fato de que as qualidades no ambiente agem determinando a variedade de modos de ocupar o espaço (BARACHO & DIAS, 2010). Os estudos em psicologia do espaço e psicologia ambiental revelam que o espaço construído não determina apenas a percepção e a avaliação cognitiva que se faz de um lugar, mas também é compreendido como um modelo de organização das atividades. O fato de que a apropriação dos espaços e seu significado psicológico dependem da aplicação de atividades, práticas e hábitos foi decisivo na revisão bibliográfica tendo em vista o escopo do projeto. Essas atividades se tornam hábito na medida em que manifestam um comportamento territorial possibilitado através de imagens mentais do espaço e de sua apropriação. As imagens mentais do espaço se referem à maneira pela qual fixamos as suas características. Já a apropriação do espaço é um processo interativo quanto à função do espaço e seus recursos (FISCHER, 1981). Em seguida

pesquisou-se sobre metodologias que tentam compreender as razões da ocupação e não ocupação de espaços públicos. Foram pesquisadas metodologias relativas às relações pessoa-ambiente. Elas permitem colher informações sobre a percepção dos diferentes agentes envolvidos no espaço e explicar dinâmicas territoriais, demandas e tendências de atividades nos mesmos. Assim como na discussão teórica, as experiências metodológicas também destacam o papel das atividades na ocupação dos espaços. Desde o fim do século XX, os estudos metodológicos e as técnicas de análise que visam à reestruturação produtiva de espaços urbanos apontam para os hábitos como elementos indispensáveis (NAJAR & MARQUES, 1998). Tanto experiências no campo do urbanismo (VILAÇA, 2008) quanto em psicologia ambiental (BASSANI et al., 2002) comprovam a necessidade de conscientizar a população sobre o fato de que os hábitos cotidianos são responsáveis pela diferença na qualidade ambiental. Essas metodologias consideram que a afetividade e os significados (unidades de sentido) dados pelos usuários dos espaços fornecem elementos para compreensão dos processos que resultam da relação pessoa-ambiente.

O exame sobre a afetividade em área de reabilitação de espaço urbano toma como referência os sentimentos e emoções dos moradores/ocupantes. Experiências metodológicas com objetivo de diagnóstico do planejamento urbano identificaram questões relacionadas aos afetos (sentimentos e emoções) de moradores através de um encadeamento de questões em entrevista (BOMFIM, 2010). Trata-se de entrevistas que buscam integrar os aspectos afetivos experimentados pelos sujeitos em suas interações sociofísicas com o espaço, isto é, sentimentos que o espaço desperta. Outras experiências adotaram entrevistas com o objetivo de discriminar unidades de sentido dentro da perspectiva psicológica (COSTA, 2008). As entrevistas tiveram o objetivo de obter unidades de significação (temas ou essências) contidas nas descrições das experiências dos sujeitos entrevistados com o espaço.

3 | METODOLOGIA

O apanhado dessas experiências interdisciplinares norteou o desenvolvimento metodológico desta pesquisa de modo a orientar a ida a campo. Deste modo, o projeto se desenvolveu de acordo com as seguintes atividades: a) reuniões de equipe; b) observação em campo; c) formulação de roteiro semiestruturado de entrevista; d) realização das entrevistas; e) organização e tabulação dos dados; f) diagnóstico e g) proposição de ações para aumentar a apropriação do espaço analisado.

As observações do entorno, feita pelos alunos, em sua maioria individualmente, exercitaram as habilidades de uma pesquisa descritiva na qual se caracterizou a população, o fenômeno de chegada e saída dos alunos do campus e o estabelecimento de relações com a praça dentre outras variáveis. Foram realizadas em dias e horários variados, uma vez que a percepção e ocupação do espaço acontecem de forma diferente ao longo da semana e de acordo com o horário da observação. Debateu-se

sobre a área metropolitana na qual o campus está inserido e como são construídas as vivências neste espaço tornando o lugar significativo. Pôde-se discutir sobre a observação da população residente no entorno da praça e dos transeuntes que ali se territorializam. Também foram descritos com maior clareza os trajetos realizados durante a permanência dos alunos no entorno do campus que se localiza em frente à Praça Levi Coelho da Rocha. Os alunos realizaram medições, fizeram análises da área/terreno e avaliações do planejamento e mobilidade urbana. Também analisaram as condições térmicas (dados climáticos) e acústicas da região, os materiais do espaço em questão, a escala urbana, o uso previsto, a paisagem e os atrativos do entorno, a percepção da segurança, as ocupações, a evolução histórica da região e outros aspectos, discutidos a partir da ida a campo para observação.

Após análises das potencialidades e das problemáticas do espaço estudado, desenvolveram-se questionários semiestruturados com o objetivo de criar um diálogo sincero entre entrevistadores e entrevistados, sem que as respostas fossem induzidas. As entrevistas, realizadas sempre com a observação de um aluno de psicologia e outro de arquitetura e urbanismo, foram gravadas, eram longas e era mantida grande atenção para o entrevistado e seu ponto de vista. A análise destas informações tinha um caráter mais qualitativo. Foram entrevistados alguns usuários da praça, comerciantes, transeuntes e alunos do campus em estudo. Em um segundo momento, após a análise das informações das primeiras entrevistas, elaborou-se outro questionário, adaptando as perguntas das primeiras entrevistas para que fosse possível coletar as respostas através de um formulário online. Dessa forma, seria possível abordar um maior número de alunos. O formulário online foi enviado por e-mail a todos os alunos do campus e ficou ativo por uma semana. A análise das respostas a este novo questionário teve um caráter mais quantitativo. Após o processo de transcrição das entrevistas e a categorização e tabulação das informações obtidas também no formulário online, os dados foram analisados visando à elaboração de diagnóstico.

Por conseguinte, o estudo buscou atender as demandas identificadas, propondo intervenções de cunho efêmero, pequenos eventos e promoção da arte urbana. Tais propostas estão em fase de idealização e organização para, posteriormente, serem produzidas, analisadas e adaptadas, se necessário.

4 | ANÁLISE DA ÁREA EM ESTUDO

Os espaços públicos são a essência da vida urbana. Proporcionam às pessoas uma série de serviços e condições de habitações que possibilitam uma melhoria na qualidade de vida. Neles ocorrem os encontros, de suma importância na construção do que constitui a cidade. Denominamos espaços públicos os locais de circulação, de interação e conexão entre os indivíduos. Neles se produzem os fenômenos cotidianos que formam as cidades, de uso comum e de posse de todos.

A geografia vem trabalhando a noção de espaço enquanto produto do trabalho humano a partir da relação que o homem – enquanto ser social - mantém com a natureza. Aqui nos propomos a analisar o espaço enquanto condição, meio e produto da reprodução da sociedade, o que nos leva necessariamente a discutir o papel do homem enquanto sujeito, percorrendo sua vida, valores, cultura, lutas, ansiedades e projetos, portanto o homem agindo. Logo, pensar o urbano significa pensar a dimensão do humano. (Carlos, 2007, p.53)

Os espaços públicos são desenvolvidos não só através de um planejamento prévio determinante, mas também pela apropriação de um espaço gerador de encontros. Um espaço público é conhecido muitas vezes pelo seu sucesso, pela vivacidade que propicia, ou pelo seu fracasso, pela falta de segurança causada pelo desuso do mesmo. A multiplicidade de uso e a diversidade de usuários transformam o ambiente, fazem dele um ambiente mais seguro. Cada espaço é único e seu planejamento nem sempre é acertado. É em um destes espaços públicos, comumente encontrados em Belo Horizonte, que foram estudadas e elaboradas propostas de projeto de cunho urbanístico para o melhor uso e apropriação pela população. Será abordado o entendimento do âmbito público com relação ao uso do espaço e as relações entre os usuários. O estudo debate o conceito de desenvolvimento sócio espacial, inserindo como alternativa propositiva a promoção de interatividade envolvendo os diversos segmentos relacionados à criação, à apropriação e à manutenção do espaço público. A Praça Levi Coelho da Rocha, objeto de estudo do projeto de extensão em questão, está localizada na região central da cidade metropolitana de Belo Horizonte/MG, no bairro Boa Viagem, entre as Ruas Goiás e Guajajaras (Figura 1). As dimensões da praça são relativamente pequenas, indicando que esta pode ser parte remanescente de um traçado urbano planejado, adaptado para ser um espaço público apropriável. Seu entorno imediato, dispõe de variadas instituições de ensino, comércios diversificados, infraestrutura urbana adequada e unidades residenciais e comerciais verticalizadas. Outros espaços públicos importantes se encontram próximos a ela. Esses outros espaços públicos, além de apresentarem melhor infraestrutura e mobiliário urbano são maiores em dimensão e relevância histórica. Nesses outros espaços, várias atividades são empregadas e eventos são promovidos.

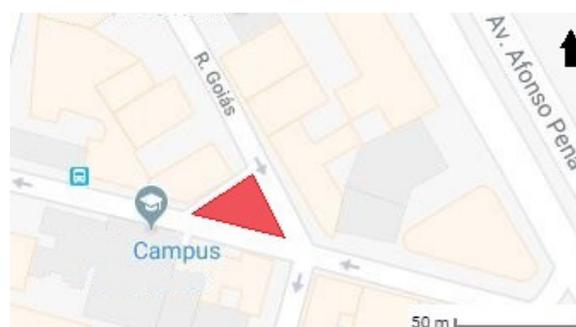


Figura 1: Praça Levi Coelho da Rocha

Fonte: Imagens Google Maps, acesso em 31. mai. 2018, adaptado pelo autor

A ocupação da mesma varia de acordo com o dia da semana e o horário do dia. Como exemplos, pode-se ressaltar: as atividades acadêmicas nas unidades de ensino nos dias úteis, o não funcionamento ou funcionamento em horário reduzido dos comércios próximos aos fins de semana e o movimento atípico aos domingos devido às atividades religiosas que ocorrem na Igreja da Boa Viagem, localizada próxima à praça deste estudo.

A partir das análises realizadas por observações de campo, nota-se que a principal utilização da praça é apenas para passagem de pedestres, que por vezes passam pelo local sem perceber o ambiente ou desfrutar de outras formas de apropriação que o espaço oferece. Esta utilização acontece primordialmente durante o dia. Durante a noite, a pouca e fraca iluminação pública disposta na praça faz do ambiente, outrora vivo, um ambiente opressor. O principal problema da iluminação pública, segundo a análise de campo, deve-se à altura a partir da qual os postes dispõem a luz no local, uma vez que há interferência das copas das árvores presentes ali. A aplicação de um segundo ponto de luz, mais baixo, quando existe é insuficiente ou não se apresentava funcionando durante as análises. Uma possibilidade de melhoria da iluminação seria a instalação de luzes de jardim, mais baixas e voltadas para a arborização. Deixariam o ambiente mais bem iluminado e agradável para a circulação e permanência de transeuntes durante o período noturno.

O ambiente se torna mais agradável com a presença de vegetação. Ela possibilita que o ambiente seja mais colorido, além de ser chamariz para espécies animais, como os pássaros. Durante o dia gera sombra para quem transita pelo espaço, amenizando a temperatura ambiente, proporcionando maior umidade e qualidade do ar. O paisagismo no local em estudo apresenta-se escasso e carente de manutenção, apesar de haver espaços dispostos para a vegetação. O espaço de estudo apresenta, porém, árvores de pequeno e médio porte. Não há identificação das espécies e não foi encontrado significado para a escolha dessas. Apesar de haver arborização na praça, a mesma não funciona como bloqueio acústico para o grande ruído causado principalmente pelo trânsito. Uma grande quantidade de veículos transita pelo local. Ambas as vias que permeiam a praça possuem alto fluxo de veículos, são de mão única e possuem duas faixas cada uma, sendo uma faixa de acesso aos automóveis particulares e uma faixa exclusiva para a passagem do transporte público. A região central de Belo Horizonte concentra grande parte do transporte público. Nesta região, a quantidade de ônibus **é considerável**, pois esses vêm das mais variadas regiões da cidade. Obviamente, por estar nessa região da cidade, este trânsito intenso de transporte público influencia na rotina da praça em estudo. É possível perceber que não há permissão para estacionamento nas ruas lindeiras à praça, mas há uma vaga para carga e descarga junto à Rua Goiás. Duas faixas de pedestres dão acesso à praça próximo à esquina das Ruas Goiás e Guajajaras. Não há incentivo para o uso de bicicletas com a ausência de ciclofaixas ou paraciclos.

O mobiliário urbano é primordial para a criação de um espaço público. Muitas

vezes é ele quem determina a imagem visual de um ambiente. Compostos por objetos e equipamentos como bancos, jardineiras, pontos de ônibus, lixeiras, dentre outros, são dispostos no espaço público a fim de exercer suas respectivas funções. Analisando a praça (Figura 2), pode-se perceber que esta é uma praça sem identidade. Os bancos são dispostos de maneira a preencher os vazios, sem planejamento prévio quanto à quantidade de usuários atendidos e o suporte adequado a eles. Os espaços elevados que envolvem o paisagismo presente na praça são muito usados para a acomodação de quem opta em não fazer uso destes bancos. O comércio ao redor da praça, em sua maioria é voltado para a alimentação (lanchonetes e restaurantes) e, apesar disso, não há a presença de mesas no local.



Figura 2: Mobiliário urbano presente na Praça Levi Coelho da Rocha

Fonte: Imagens Google Maps, acesso em 31. mai. 2018

O entorno imediato é composto por edificações de altimetrias variadas, porém bastante verticalizada. A visibilidade, portanto, é reduzida ao contíguo, perceptível ao que está mais próximo.

A acessibilidade do local atende a transeuntes portadores de necessidades especiais com mobilidade reduzida com a presença de rampas de acesso às calçadas. Porém as calçadas apresentam algumas saliências e revestimentos quebrados que podem dificultar a locomoção destas pessoas. Notamos também a falta de piso tátil em todo o limite físico da praça. Esta sinalização se concentra apenas próximo às rampas junto às esquinas. Também nos semáforos não há a presença de sinalização sonora. Desta forma, há prejuízo quanto à mobilidade dos deficientes visuais.

O mau cheiro é sempre lembrado por quem passa pela praça em determinadas horas do dia. Apesar de a praça possuir um número adequado de lixeiras e haver varrição frequente das ruas naquele local, no fim da tarde os comerciantes fazem uso da praça para o depósito do lixo gerado durante o dia em seus estabelecimentos, pois a coleta é feita no início da noite. Dessa forma, há mau cheiro e desconforto para quem passa pelo local.

5 | ELEMENTOS PSICOLÓGICOS PARA O ROTEIRO DE CAMPO E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Quando se discutiu a respeito das experiências metodológicas que tentam compreender motivos da ocupação e não ocupação de espaços públicos, encontrou-se a preocupação com a percepção, afetividade e o sentido dado pelos usuários dos espaços. Esses elementos têm propiciado a elaboração de propostas mais centradas no indivíduo e no social e nas implicações ecológicas das interferências realizadas. Até onde se pesquisou, notou-se que, além de firmar a interdisciplinaridade com a arquitetura e urbanismo, as aplicações recentes da psicologia ambiental têm empregado metodologias com o intuito de conhecer o comportamento sócio-espacial de pessoas em movimento e as características da ocupação do solo urbano em regiões metropolitanas. A afetividade e os significados (unidades de sentido) fornecem elementos para compreensão dos processos que resultam da relação pessoa-ambiente. Considerando afetividade e sentido, procurou-se ter uma escuta um pouco mais atenta para que o sujeito pudesse colocar algo de si a partir daquilo que foi perguntado a ele. Para isso, durante a ida a campo, foi importante fazer emergir informações de forma mais livre e que as respostas não estivessem tão condicionadas a uma padronização de alternativas. Ou seja, as perguntas eram suficientemente abertas para possibilitar que o entrevistado exprimisse sua impressão e não somente optasse por escolher respostas pré-definidas. Dessa forma foi possível abrir perspectivas para análise e interpretação de ideias.

Através dos estudos realizados na bibliografia, em especial em Kaufmann (2013), procurou-se desenvolver entrevistas compreensivas uma vez que este tipo de entrevista favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade. A ideia foi orientar a condução das entrevistas a partir da percepção subjetiva do sujeito entrevistado. Para compreender os motivos da ocupação e não ocupação de espaços públicos, o exame sobre a afetividade em área de reabilitação de espaço urbano toma como referência os sentimentos e emoções dos moradores ou usuários. Com o objetivo de diagnóstico do planejamento urbano, Bomfim (2010) procurou identificar traços de união ou desunião entre cidadão e cidade considerando diferentes sujeitos que se ajustam ou não no interior das mesmas, discernindo fatores que interferem nos vínculos de pertencimento e não pertencimento construídos com a cidade. Esta metodologia segue um roteiro que visa apreender os afetos através de um encadeamento de questões nas entrevistas que buscam integrar os aspectos afetivos experimentados pelos sujeitos em suas interações sociofísicas com o espaço (sentimentos que aquele espaço desperta).

As bibliografias levantadas acerca de metodologias que visam revitalização e ocupação de espaços urbanos apontam para o conceito de percepção ambiental no intuito de desvendar o espaço experienciado reconhecendo nele a complexidade de seus significados. O trabalho de Costa (2008), ao refletir sobre a percepção ambiental

como forma de produzir intervenções para revitalização de praças públicas, assume que o conceito de percepção ambiental estabelece conexões entre um estudo sobre o meio físico (afeito aos métodos da arquitetura e geografia) e uma reflexão sobre as relações desse meio com a subjetividade (própria do instrumental psicológico). No sentido psicológico da percepção ambiental, deve-se refletir sobre as significações construídas pelas comunidades envolvidas na ocupação dos espaços. A apreensão dessas significações é apoiada na escuta da psicologia fenomenológico-hermenêutica em torno dos elementos físicos e perceptivos dos espaços. Em seu trabalho, Costa (2008) realizou etapas de entrevistas com o objetivo de discriminar unidades de sentido dentro da perspectiva psicológica. As entrevistas tinham o objetivo de obter unidades de significação (temas ou essências) contidas nas descrições das experiências dos sujeitos entrevistados. Dessa forma também foi inserido ao questionário semiestruturado, além de perguntas mais direcionadas, perguntas que contemplassem elementos emocionais e afetivos. Como exemplo: a) o que lhe chama a atenção na região ou no entorno? b) quando você pensa ou está na praça, quais sensações sente? c) a praça te remete a alguma lembrança? d) o que você gosta ou não gosta nessa praça?

6 | ANÁLISE DO PÚBLICO ALVO DO ESTUDO – ENTREVISTA COM OS ALUNOS DO CAMPUS

A partir da constatação da pouca utilização da Praça Levi Coelho da Rocha pelos alunos do campus próximo a esta, surgiu a necessidade de entender o motivo pelo qual não há esta apropriação. Esse campus, sede dos cursos de ciências biológicas e saúde e dos cursos de pós-graduação lato sensu e strictu sensu da instituição, é um edifício vertical, composto por 16 andares com 80 espaços acadêmicos e aproximadamente 2.200 alunos distribuídos em 2 turnos. Não possui grandes espaços para convívio dos alunos. Dessa forma, era de se esperar que havendo uma praça próxima a esse campus, os alunos usufríssem dela. Como uma etapa importante acerca da caracterização do público alvo deste estudo, alguns dados quantitativos foram obtidos através das entrevistas realizadas com o formulário online. Com a análise destes dados quantitativos, foi possível entender a rotina e a relação dos usuários deste espaço.

Analisando a faixa etária, a maioria das pessoas que responderam está entre 21 e 30 anos (43,1%). Já 24,3% possui idade inferior a 20 anos e 23% entre 31 e 40 anos. Dessa forma, podemos perceber que são pessoas relativamente jovens. Com relação ao turno, 34,7% estudam pela manhã e 65,3% estudam à noite. Dessa forma, a maior parte da utilização da praça deveria ocorrer no período noturno. Assim, a iluminação correta e suficiente pode facilitar esta ocupação.

A grande maioria dos alunos (71,1%) utiliza o transporte público como meio de transporte para se chegar ao campus. Sendo que uma minoria (7,9%) vai a pé para a faculdade. Nenhum aluno utiliza a bicicleta para fazer o trajeto casa/ trabalho - campus.

Os demais alunos se dividem entre carros e motos (22,6%) e vans escolares (9,6%). Esta análise apresenta-se coerente principalmente considerando a região de estudo. Por estar localizada no centro da cidade, possui várias linhas de transporte coletivo que fazem a ligação com várias outras regiões da cidade. Também não é estranho que nenhum aluno não faça uso de bicicletas, face ao não incentivo a este meio de transporte uma vez que há poucas ciclofaixas na cidade, a topografia é relativamente acidentada e não há paraciclo ou bicicletário na região ou no próprio campus. Já com relação ao trajeto que cada aluno realiza para se chegar à faculdade, foram traçadas algumas possibilidades (Figura 3).

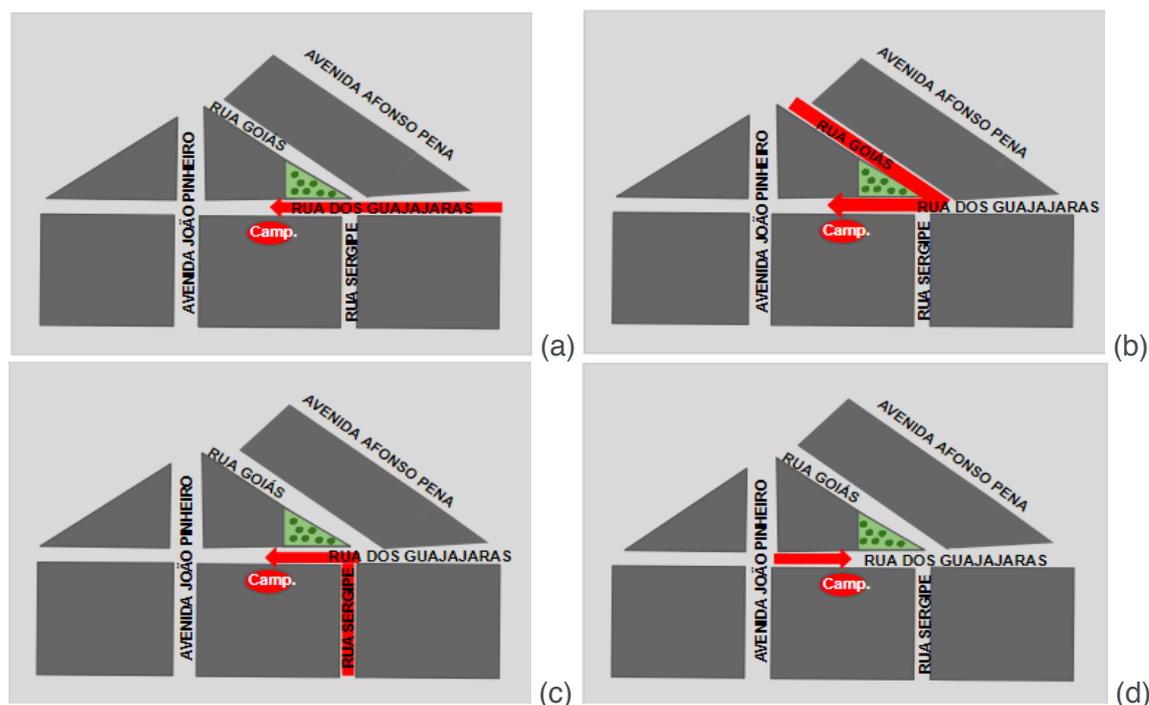


Figura 3: Possibilidades de trajeto até o campus: (a) Av. Afonso Pena/Rua dos Guajajaras; (b) Rua Goiás/Rua dos Guajajaras; (c) Rua Sergipe/Rua dos Guajajaras e (d) Av. João Pinheiro/Rua dos Guajajaras

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017

É possível perceber nas imagens da Figura 3 que a passagem pela Praça Levi Coelho da Rocha é inevitável. Apenas na situação “d” da mesma figura, ou seja, o trajeto para o campus via Av. João Pinheiro e Rua Guajajaras, a entrada para o campus pode acontecer sem que haja esta relação direta com a praça. De acordo com as entrevistas realizadas, a maioria dos frequentadores do campus faz o trajeto de acesso “a”, ou seja pela Av. Afonso Pena e Rua dos Guajajaras (36,4%) ou o trajeto “b” entre as Ruas Goiás e Guajajaras (32,2%). Já o trajeto “d”, via Av. João Pinheiro e Rua Guajajaras é realizado por 26,8% dos usuários entrevistados. A minoria utiliza o trajeto “c”. Apenas 4,6% passam pela Rua Sergipe e pela Rua Guajajaras. Desta forma, podemos entender outro dado levantado pela pesquisa, aonde 94,1% dos entrevistados afirmam conhecer ou notar a existência da praça. O que realmente impressionou na análise dos dados obtidos nas entrevistas foi o fato de que pelo

menos 5,9% não conhece ou nunca reparou na existência da Praça Levi Coelho da Rocha, mesmo que uma grande maioria passe próximo a ela no caminho para se chegar ao campus.

Na análise dos dados obtidos pelas entrevistas, esperava-se confirmar ou refutar as análises de observação anteriormente realizadas em campo. Desta forma, pediu-se que cada entrevistado atribuísse um valor de acordo com a escala de 0 a 5 sobre seu hábito em frequentar a praça, sendo o valor zero atribuído à nenhuma frequência e 5 equivalente à grande frequência. Como previsto anteriormente, 69,1% dos entrevistados atribuíram valores muito baixos (0 ou 1), indicando que estes não têm o hábito de frequentar a praça (Figura 4).

Hábito de frequentar a praça na escala de 0-5

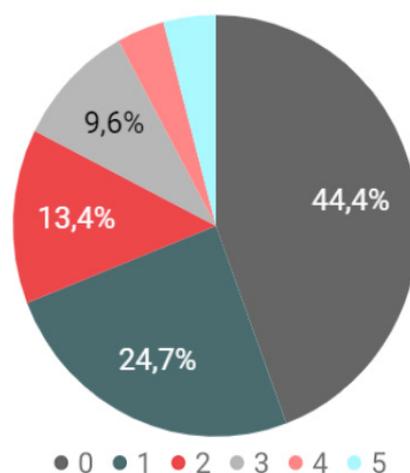


Figura 4: Hábito de frequentar a praça a escala de 0 a 5 (0: 44,4%; 1: 24,7%; 2: 13,4%; 3: 9,6%; 4: 3,8% e 5: 4,2%)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017

Analisando os motivos que são empecilhos a frequência dos alunos à praça, podemos ressaltar a falta de tempo como um dos principais motivos (35,1%) seguido pelo item falta de segurança (33,9%) e falta de conforto (15,9%). Ainda sobre este quesito, outros motivos também foram citados pelos entrevistados como entraves a esta ocupação: acessibilidade, sujeira, presença de moradores de rua e pragas urbanas. Complementando esta análise, foi questionado o que os alunos fazem durante o intervalo, horários vagos e horários de chegada e saída. Vale aqui caracterizar que os alunos possuem cerca de meia hora de intervalo durante as aulas. Também é importante ressaltar que os alunos, neste quesito, poderiam optar por mais de uma opção de resposta. Das respostas apresentadas, os alunos utilizam com frequência os seguintes espaços: pilotis do campus (65,3%), sala de aula (62,3%), corredores da instituição (23,4%), comércio local (23,4%), Rua Guajajaras (11,7%), biblioteca e laboratório de informática (8,7%), e outro campus (1,3%). Apenas 7,1% dos entrevistados utilizam a Praça Levi Coelho da Rocha nos horários livres. Desta forma, agrupando os espaços, pode-se confirmar mais uma vez as observações realizadas em campo. Nota-se que

os alunos preferem permanecer em espaços que estão dentro do campus nos seus horários livres (81%) do que frequentar outros espaços no entorno (19%).

Para entender um pouco deste comportamento, além do tempo restrito de intervalo, também se deve levar em conta a característica do campus. Por ser um edifício vertical que possui 16 pavimentos, a movimentação vertical pelo campus acontece em sua maior parte através de elevadores. Sendo assim, podemos confirmar que, para os alunos, a movimentação entre o campus e a rua/ praça é dificultada principalmente devido ao fato da dependência dos elevadores, reportado por 69,9% dos entrevistados, pela movimentação simultânea de um grande número de pessoas (presente em 12,6% das respostas) e pela quantidade de andares a serem vencidos (citado por 11,3% das respostas), além do tempo de intervalo. Dessa forma, esta rotina dos alunos confirmada pelas entrevistas, culmina em uma não ocupação dos espaços públicos no entorno, por conseguinte a ocupação insipiente da Praça Levi Coelho da Rocha.

Analisando a percepção da praça pelas pessoas, infelizmente, o que mais chama a atenção dessas, em sua maioria, não são aspectos positivos. Pode-se também atribuir a estas sensações e sentimentos a não ocupação deste espaço. Dentre os vários aspectos citados pode-se destacar: 40,6% das respostas reportaram a existência de pragas urbanas (como roedores e insetos), 38,9% listaram a presença de lixo no local, 30,1% indicaram que o mau cheiro é um item que interfere nesta ocupação, 18,8% destacaram a iluminação como insuficiente, 12,9% relataram falta de segurança, 11,3% acham que a praça é muito barulhenta. Em 8,6% das respostas, informaram que o que mais chama a atenção na praça é a presença de moradores de rua. Ainda assim, algumas respostas refletem pontos positivos na percepção do espaço como a presença de flores (17,2% das respostas) e das cores presentes no espaço (11,3% das respostas).

Mesmo com a pouca utilização da praça, ainda assim conseguimos perceber que, caso algum tipo de atividade ou melhoria seja realizada, pode haver um maior interesse na apropriação desse espaço contribuindo significativamente no aumento desta ocupação. Seguindo esta premissa, procurou-se identificar qual o desejo dos alunos quanto a melhorias a serem realizadas nesse espaço. Neste ponto, os entrevistados podiam optar por mais de uma resposta. Das respostas apresentadas, 72,4% gostariam de ver melhoras no paisagismo, 67,7% gostariam de ver intervenções temporárias, 55,7% gostariam de ver melhorias nos mobiliários, 38,5% gostaria de ver atividades na praça e as outras respostas incluem melhorias na iluminação, limpeza e segurança. Importante observar que 66,36% dos entrevistados se mobilizariam a participar de alguma ação para intervenções ou melhorias na praça.

Partindo das análises realizadas, algumas ações estão sendo planejadas com o intuito de reverter, mesmo que em parte a ociosidade da Praça Levi Coelho da Rocha e atender às melhorias descritas pelos entrevistados. Ainda no decorrer do primeiro semestre do projeto, aconteceram importantes reverberações. O projeto foi

apresentado em um seminário promovido pelo centro universitário, na mesa redonda nomeada intervenções urbanas. Nesse, várias ideias foram colocadas por alunos de diversos cursos que ampliaram a reflexão sobre as ações no entorno do campus. Da ambição pelo diagnóstico da Praça Levi Coelho da Rocha surgiram reflexões sobre a criação de práticas educativas interdisciplinares. Dentre as ideias para ações pedagógicas e de extensão discutidas como possíveis para a Praça Levi Coelho da Rocha, podem-se destacar algumas: a) considerando a produção de soluções para problemas urbanos complexos e de planejamento urbano, foram discutidas ações de arquitetura que possam viabilizar a experimentação de modelos de intervenção flexíveis ou temporários em vista de problemas de mobilidade e ocupação na mesma. Apareceram também propostas a respeito da paralisação e alteração de fluxo viário no caso da proposição de algum evento temporário esporádico nas ruas no entorno da praça; b) aumento da interdisciplinaridade com outros projetos de extensão e disciplinas como gastronomia e nutrição para se discutir sobre as possibilidades de montagem de hortas urbanas nas dependências da praça. Essa ação, além de envolver os alunos, visa também à interação com a comunidade em vários sentidos. A horta pode sensibilizar a comunidade para a responsabilidade e o cuidado com o espaço público aumentando o pertencimento da população com relação à região em estudo. A horta também pode trazer também benefícios ocupacionais e terapêuticos à população da terceira idade que habita os edifícios residenciais do entorno da praça; c) ações interdisciplinares junto ao curso de ciências biológicas através de ações educativas no manejo de resíduos e coleta seletiva na praça, uma vez que o acúmulo de lixo foi reportado como um entrave para a ocupação da área; d) ações de extensão junto ao instituto de ciências biológicas desenvolvendo atividades relativas à melhorias na saúde da população desta região e também ações que visam a saúde do idoso; e) ações em conjunto com outras instituições educacionais, como por exemplo, apresentações do conservatório de música que se localiza próximo ao espaço da praça; f) A possibilidade de ações do Instituto de Comunicação e Artes realizando uma “ocupação visual” na praça.

Ações estão sendo planejadas para que possam ser realizadas. Além do planejamento interdisciplinar, dependem de planejamento financeiro e regularização junto aos órgãos competentes como prefeitura e departamento de trânsito. A equipe do projeto de extensão está providenciando os projetos arquitetônicos e desenvolvendo documentos para realizar essas intervenções. Após o desenvolvimento desta documentação, será providenciada a legalização das intervenções junto aos órgãos competentes. Também estão sendo realizados contatos com as demais disciplinas para desenvolver a interdisciplinaridade proposta na estratégia educacional. Primeiramente devem ser executadas ações temporárias. A partir da realização destas ações a ideia é apresentar aos órgãos competentes para que algumas propostas temporárias passem a ser permanentes. O intuito é que com as realizações das ações a comunidade aumente a sensação de pertencimento a este espaço e que ele passe de um espaço

ocioso para um espaço com vida, capaz de gerar bons sentimentos e sensações nas pessoas.

7 | CONCLUSÕES

Os dados coletados, tanto referente aos hábitos dos alunos no espaço do campus quanto referente às condições do espaço a ser ocupado apontam para entraves na ocupação de espaços públicos, ilustrado nesta pesquisa pela ocupação da Praça Levi Coelho da Rocha. Do ponto de vista acadêmico, analisando as percepções e impressões de alunos e professores de diferentes áreas, houve uma espécie de troca de saberes, de complementação de conhecimento. Possibilitou aos alunos e professores um rico conhecimento e a possibilidade de desenvolver práticas metodológicas relativas às relações pessoa-ambiente.

O levantamento metodológico foi correlato a um levantamento bibliográfico que tem potencial interesse para ambas as disciplinas. Enquanto as análises realizadas pelas metodologias de arquitetura se desenvolveram de forma mais crítica a respeito do planejamento da região, dos materiais empregados, da análise do entorno e da infraestrutura da área em estudo, as metodologias de caráter psicológico ofereceram um olhar voltado às sensações e sentimentos, ao entendimento e ao questionamento de como o espaço é percebido e, assim, apropriado pelo ser humano.

O estudo teve como um dos seus objetivos compreender e atender as necessidades da região. Seja através de intervenções urbanísticas, comerciais ou culturais, pensar as formas de intervenção, as dificuldades e as consequências das transformações propostas serão alvo da continuidade deste estudo. A visão sempre será a melhoria da qualidade de vida das pessoas e do meio ambiente onde essas estão inseridas. Importante entender que a cidade é para todos e assim a praça deve atender não somente as pessoas da região, mas também fomentar meios de interação dela com todos que passam por este espaço.

REFERÊNCIAS

ALVES, M.; BASSANI, M. A Psicologia ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa-ambiente. In: IX ENCONTRO DE PESQUISADORES E II CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNI-FACEF. **Anais...** Franca: Uni-FACEF, 2008.

BANDEIRA, Brennand de Sousa; BOMFIM, Zulmira; SALES, José Albio. Reabilitação do espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza – CE. **Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAU, n.19, 2012, pp. 212 – 232.

BARACHO, Carlos; DIAS, Maria João. **O Espaço e o Homem: Perspectivas Multidisciplinares**. Lisboa: Edições Sílabo, 2010.

BOMFIM, Z. A. **Cidade e Afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

COSTA, Sílvia Kimo. **Percepção ambiental e revitalização**: as praças do bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2008.

FISCHER, Gustave Nicolas. **La psychosociologie de l'espace, Paris**: presse universitaire de France-que sais-je. Paris: Lévy-Leboyer, C. Psychologie et environnement, PUF, 1980.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Os circuitos dos jovens urbanos". **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007, Vol. 17, N. 2, pp. 173-205.

MOREIRA, A. C. M. L. **Conceitos de ambiente e de impacto ambiental aplicáveis ao meio urbano**. São Paulo: USP, 1999. pp. 1-5.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOREIRA, G.L; TREVIZAN, S.D.P. **O processo de (re) produção do espaço urbano e as transformações território-ambientais**: um estudo de caso. Rio Claro: Estudos Geográficos, 2005. pp. 78-90.

NAJAR, AL., and MARQUES, EC., orgs. **Saúde e espaço**: estudos metodológicos e técnicas de análise [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 276 p.

VILAÇA, Lis Barros. **Comportamento sócio-espacial de pessoas em movimento**: um estudo exploratório do calçadão da Avenida Engenheiro Roberto Freire, Natal-RN. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte-PPGPSI. Natal, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Bianca Camargo Martins - Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Especialista em Arquitetura e Design de Interiores pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestranda em Planejamento e Governança Pública pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde desenvolve uma pesquisa sobre a viabilidade da implantação de habitação de interesse social na área central do Município de Ponta Grossa – PR. Há mais de cinco anos atua na área de planejamento urbano. É membra fundadora da Associação de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC). Atualmente é docente da Unicesumar, onde é responsável pelas disciplinas de urbanismo, desenho urbano e ateliê de projeto.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-265-4

